



DIÁRIO



República Federativa do Brasil

DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XLVI — Nº 90

QUARTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1991

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 78ª SESSÃO CONJUNTA, EM 19 DE NOVEMBRO DE 1991

Sessão solene destinada a recepcionar o Presidente da República da Venezuela, o Senhor Carlos Andrés Pérez.

Ata da 78ª Sessão Conjunta, em 19 de novembro de 1991

1ª Sessão Legislativa Ordinária, da 49ª Legislatura

Presidência do Sr. Mauro Benevides

ÀS 15 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS.
SENADORES:

Abdias do Nascimento — Affonso Camargo — Albano Franco — Alexandre Costa — Alfredo Campos — Aluizio Bezerra — Amazonino Mendes — Amir Lando — Antônio Mariz — Beni Veras — Carlos Patrocínio — César Dias — Chagas Rodrigues — Cid Sabóia de Carvalho — Coutinho Jorge — Dario Pereira — Dirceu Carneiro — Divaldo Suruagy — Eduardo Suplicy — Elcio Álvares — Esperidião Amin — Epitácio Cafeteira — Fernando Henrique Cardoso — Francisco Rollemberg — Garibaldi Alves Filho — Guilherme Palmeira — Henrique Almeida — Hugo Napoleão — Humberto Lucena — Hydekel Freitas — Iram Saraiva — Irapuan Costa Júnior — João Calmon — João França — João Rocha — Jonas Pinheiro — Josaphat Marinho — José Eduardo — José Richa — José Sarney — Júnia Marise — Lavoisier Maia — Levy Dias — Louremberg Nunes Rocha — Lucídio Portella — Magno Bacelar — Mansueto de Lavor — Marco Maciel — Mário Covas — Marluce Pinto — Maurício Corrêa — Mauro Benevides — Meira Filho — Nabor Júnior — Nelson Wedekin — Ney Maranhão — Odacir Soares — Onofre Quinan — Oziel Carneiro — Rachid Saldanha Der-

zi — Raimundo Lira — Ronaldo Aragão — Ronan Tito — Ruy Bacelar — Telmo Vieira — Teotônio Vilela Filho — Valmir Campelo — Wilson Martins.

E OS SENHORES DEPUTADOS:

Roraima

Alceste Almeida — PTB; Avenir Rosa — PDC; Francisco Rodrigues — PTB; João Fagundes — PMDB; Júlio Cabral — PTB; Marcelo Luz — PTR; Rubem Bento — Bloco; Teresa Jucá — PDS.

Amapá

Aroldo Góes — PDT; Fátima Pelaes — Bloco; Gilvan Borges —; Lourival Freitas — PT; Murilo Pinheiro — Bloco; Sérgio Barcellos — Bloco; Valdenor Guedes — PTR.

Pará

Alacid Nunes — Bloco; Carlos Kayath — PTB; Eliel Rodrigues — PMDB; Gerson Peres — PDS; Giovanni Queiroz — PDT; Hermínio Calvino — PMDB; Hilário Coimbra — PTB;

EXPEDIENTE**CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL****PASSOS PÓRTO**

Diretor-Geral do Senado Federal

AGACIEL DA SILVA MAIA

Diretor Executivo

CARLOS HOMERO VIEIRA NINA

Diretor Administrativo

LUIZ CARLOS DE BASTOS

Diretor Industrial

FLORIAN AUGUSTO COUTINHO MADRUGA

Diretor Adjunto

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Semestral Cr\$ 3.519,65

Tiragem 2.200 exemplares.

Mário Chermont – PTB; Mario Martins – PMDB; Osvaldo Melo — PDS; Paulo Rocha — PT; Paulo Titan — PMDB.

Amazonas

Átila Lins – Bloco; Eduardo Braga – PDC; Euler Ribeiro – PMDB; Ézio Ferreira – Bloco; José Dutra – PMDB; Pauderney Avelino — PDC.

Rondônia

Antônio Morimoto – PTB; Carlos Camurça – PTR; Edison Fidelis – PTB; Maurício Calixto – Bloco; Nobel Moura – PTB; Pascoal Novaes – PTR; Raquel Cândido – PDT; Reditário Cassol – PTR.

Acre

Adelaide Neri – PMDB; Célia Mendes – PDS; Francisco Diógenes – PDS; João Maia – Bloco; João Tota – PDS; Ronivon Santiago – Bloco; Zila Bezerra – PMDB.

Tocantins

Hagahus Araujo – PMDB; Leomar Quintanilha – PDC; Osvaldo Reis – PTR; Paulo Mourão – PDS.

Maranhão

Cesar Bandeira – Bloco; Cid Carvalho – PMDB; Costa Ferreira – Bloco; Eduardo Matias – PDC; Francisco Coelho – PDC; Jayme Santana – PSDB; João Rodolfo – PDS; José Burnett – Bloco; José Carlos Sabóia – PSB; José Reinaldo – Bloco; Nan Souza – Bloco; Paulo Marinho – Bloco; Pedro Novais – PDC; Roseana Sarney – Bloco; Sarney Filho – Bloco.

Ceará

Aécio de Borba – PDS; Antônio dos Santos – Bloco; Ariosto Holanda – PSB; Carlos Benevides – PMDB; Edson Silva – PDT; Gonzaga Mota – PMDB; Jackson Pereira – PSDB; José Linhares – PSDB; Luiz Girão – PDT; Luiz Pontes – PSDB; Marco Penaforte – PSDB; Maria Luiza Fontenelle – PSB; Mauro Sampaio – PSDB; Moroni Torgan – PSDB; Orlando Bezerra – Bloco; Pinheiro Landim – PMDB; Sérgio Machado – PSDB; Ubiratan Aguiar – PMDB; Vicente Fialho – Bloco.

Piauí

B. Sá – ; Caldas Rodrigues – Bloco; Ciro Nogueira Bloco; Felipe Mendes – PDS; Jesus Tajra – Bloco; João

Henrique – PMDB; José Luiz Maia – PDS; Murilo Rezen-de – PMDB; Paes Landim – Bloco; Paulo Silva – PSDB.

Rio Grande do Norte

Aluizio Alves – PMDB; Henrique Eduardo Alves – PMDB; Iberê Ferreira – Bloco; Laífe Rosado – PMDB; Ney Lopes – Bloco.

Paraná

Adauto Pereira – Bloco; Edvaldo Motta – PMDB; Efraim Moraes – Bloco; Francisco Evangelista – PDT; Ivandro Cunha Lima – PMDB; José Luiz Clerot – PMDB; José Maranhão – PMDB; Lúcia Braga – PDT; Ramalho Leite – PDS Rivaldo Medeiros – Bloco; Vital do Rego – PDT.

Pernambuco

Fernando Bezerra Coelho – PMDB; Gilson Machado – Bloco; José Carlos Vasconcelos – Bloco; José Mendonça Bezerra – Bloco; José Moura – Bloco; José Múcio Monteiro – Bloco; Luiz Piauhyllino – PSB; Maurílio Ferreira Lima – PMDB; Mavíael Cavalcanti – Bloco; Miguel Arraes – PSB; Nilson Gibson – PMDB; Renildo Calheiros – PC do B; Ricardo Fiúza – Bloco; Roberto Franca – PSB; Roberto Freire – PCB; Roberto Magalhães – Bloco; Salatiel Carvalho – PTR; Tony Gel – Bloco; Wilson Campos – PMDB.

Alagoas

Antônio Holanda – Bloco; Augusto Farias – Bloco; Cleto Falcão – Bloco; Mendonça Neto – PDT; Olavo Calheiros – ; Roberto Torres – PTB; Vitorio Malta – Bloco.

Sergipe

Benedito de Figueiredo – Bloco; Cleonânio Fonseca – Bloco; Jerônimo Reis – Bloco; José Teles – PDS; Messias Góis – Bloco.

Bahia

Alcides Modesto – PT; Ângelo Magalhães – Bloco; Aroldo Cedraz – Bloco; Benito Gama – Bloco; Beraldo Boaventura – PDT; Clóvis Assis – PDT; Eraldo Tinoco – Bloco; Félix Mendonça – PTB; Geddel Vieira Lima – PMDB; Genebaldo Correia – PMDB; Haroldo Lima – PC do B; Jakes Ribeiro – PSDB; Jairo Carneiro – Bloco; João Almeida – PMDB; João Alves – Bloco; Jonival Lucas – PDC; Jorge Khoury – Bloco; José Carlos Aleluia – Bloco; José Falcão

-- Bloco; Leur Lomanto - Bloco; Luís Eduardo - Bloco; Luiz Moreira - PTB; Luiz Viana Neto - PMDB; Manoel Castro - Bloco; Marcos Medrado - PDC; Nestor Duarte - PMDB; Pedro Irujo - Bloco; Prisco Viana - PDS; Ribeiro Tavares - PL; Sebastião Ferreira - PMDB; Sérgio Brito - PDC; Sérgio Gaudenzi - PDT; Uldurico Pinto - PSB.

Minas Gerais

Aécio Neves - PSDB; Agostinho Valente - PT; Aloisio Vasconcelos - PMDB; Annibal Teixeira - PTB; Aracely de Paula - Bloco; Armando Costa - PMDB; Avelino Costa - PL; Camilo Machado - Bloco; Célio de Castro - PSB; Elias Murad - PSDB; Felipe Neri - PMDB; Fernando Diniz - PMDB; Genésio Bernardino - PMDB; Humberto Souto - Bloco; Irani Barbosa - PL; Israel Pinheiro - PRS; João Paulo - PT; José Aldo - PRS; José Geraldo - PMDB; José Santana de Vasconcellos - Bloco; José Ulisses de Oliveira - PRS; Lael Varella - Bloco; Leopoldo Bessone - PMDB; Luiz Tadeu Leite - PMDB; Marcos Lima - PMDB; Maurício Campos - PL; Neif Jabur - PMDB; Nilmário Miranda - PT; Odelmo Leão - Bloco; Osmânio Pereira - PSDB; Paulo Afonso Romano - PFL; Paulo Delgado - PT; Paulo Heslander - PTB; Pedro Tassis - PMDB; Raul Belém - Bloco; Romel Anísio - Bloco; Ronaldo Perim - PMDB; Samir Tannús - PDC; Sandra Starling - PT; Saulo Coelho - PSDB; Tilden Santiago - PT; Wilson Cunha - PTB; Zaire Rezende - PMDB.

Espírito Santo

Etevalda Grassi de Menezes - PMDB; Jones Santos Neves - PL; Jório de Barros - PMDB; Nilton Baiano - PSC; Paulo Hartung - PSDB; Rita Camata - PMDB; Roberto Valadão - PMDB; Rose de Freitas - PSDB.

Rio de Janeiro

Aldir Cabral - PTB; Álvaro Valle - PL; Amaral Netto - PDS; Arolde de Oliveira - Bloco; Artur da Távola - PSDB; Benedita da Silva - PT; Carlos Alberto Campista - PDT; Carlos Lupi - PDT; César Maia - PMDB; Cidinha Campos - PDT; Fábio Raunheitti - PTB; Flávio Palmier da Veiga - Bloco; Francisco Dornelles - Bloco; Francisco Silva - PST; Jair Bolsonaro - PDC; Jamil Haddad - PSB; Jandira Feghali - PC do B; João Mendes - PTB; José Egydio - Bloco; Junot Abi-Ramia - PDT; Laerte Bastos - PDT; Laprovita Vieira - PMDB; Márcia Cibibis Viana - PDT; Marino Clinger - PDT; Miro Teixeira - PDT; Nelson Bornier - PL; Paulo de Almeida - PTB; Paulo Portugal - PDT; Paulo Ramos - PDT; Roberto Campos - PDS; Sandra Cavalcanti - Bloco; Sérgio Arouca - PCB; Sérgio Cury - PDT; Sidney de Miguel - PV; Simão Sessim - Bloco; Vivaldo Barbosa - PDT; Vladimir Palmeira - PT.

São Paulo

Alberto Goldman - PMDB; Aldo Rebelo - PC do B; Aloizio Mercadante - PT; André Benassi - PSDB; Antônio Carlos Mendes Thame - PSDB; Ary Kara - PMDB; Beto Mansur - PDT; Cunha Bueno - PDS; Delfim Netto - PDS; Edevaldo Alves da Silva - PDS; Eduardo Jorge - PT; Ernesto Gradella - PT; Euclydes Mello - Bloco; Fábio Feldmann - PSDB; Fabio Meirelles - PDS; Fausto Rocha - Bloco; Florestan Fernandes - PT; Gastone Righi - PTB; Geraldo Alcmin Filho - PSDB; Heitor Franco - Bloco; Hélio Bicudo - PT; Hélio Rosas - PMDB; Irma Passoni - PT; João Mellão

Neto - PL; Jorge Tadeu Mudalen - PMDB; José Cicote - PT; José Dirceu - PT; José Genoíno - PT; José Maria Eymael - PDC; José Serra - PSDB; Jurandyr Paixão - PMDB; Koyu Iha - PSDB; Liberato Caboclo - PDT; Luiz Carlos Santos - PMDB; Luiz Gushiken - PT; Magalhães Teixeira - PSDB; Maluly Netto - Bloco; Manoel Moreira - PMDB; Marcelino Romano Machado - PDS; Marcelo Barbieri - PMDB; Maurici Mariano - Bloco; Mendes Botelho - PTB; Nelson Markezelli - PTB; Osvaldo Stecca - PSDB; Pedro Pavão - PDS; Ricardo Izar - PL; Roberto Rollemberg - PMDB; Robson Tuma - PL; Solon Borges dos Reis - PTB; Tadashi Kuriki - Bloco; Tidei de Lima - PMDB; Tuga Ange-rami - PSDB; Ulysses Guimarães - PMDB; Vadão Gomes - Bloco; Valdemar Costa - PL; Walter Nory - PMDB.

Mato Grosso

Augustinho Freitas - PTB; Joaquim Sucena - PTB; Jonas Pinheiro - Bloco; José Augusto Curvo - PL; Rodrigues Palma - PTB.

Distrito Federal

Augusto Carvalho - PCB; Benedito Domingos - PTR; Chico Vigilante - PT; Eurides Brito - PTR; Maria Laura - PT; Osório Adriano - Bloco; Paulo Octávio - Bloco; Sigma-ri-nga Seixas - PSDB.

Goiás

Antônio de Jesus - PMDB; Délio Braz - PMDB; João Natal - PMDB; Lázaro Barbosa - PMDB; Lúcia Vânia - PMDB; Maria Valadão - PDS; Mauro Borges - PDC; Mauro Miranda - PMDB; Osório Santa Cruz - PDC; Paulo Mandarino - PDC; Pedro Abrão - PMDB; Roberto Balestra - PDC; Ronaldo Caiado - ; Virmondés Cruvinel - PMDB.

Mato Grosso do Sul

Elísio Curvo - Bloco; Flávio Derzi - Bloco; George Takimoto - Bloco; José Elias - PTB; Nelson Trad - PTB; Valter Pereira - PMDB; Waldir Guerra - Bloco.

Paraná

Antônio Barbara - Bloco; Antonio Ueno - Bloco; Basilio Villani - Bloco; Carlos Roberto Massa - Bloco; Carlos Scarpelini - Bloco; Delcino Tavares - Bloco; Edesio Passos - PT; Edi Siliprandi - PDT; Élio Dalla-Vecchia - PDT; Flá-vio Arns - PSDB; Ivanio Guerra - Bloco; Joni Varisco - PMDB; José Felinto - PMDB; Luciano Pizzatto - Bloco; Luiz Carlos Hauty - PMDB; Max Rosenmann - Bloco; Munhoz da Rocha - PSDB; Onaireves Moura - PTB; Otto Cunha - Bloco; Paulo Bernardo - PT; Pedro Tonelli - PT; Pinga Fogo de Oliveira - Bloco; Reinhold Stephanes - Bloco; Renato Johnsson - Bloco; Rubens Bueno - PSDB; Said Fer-reira - PMDB; Werner Wanderer - Bloco; Wilson Moreira - PSDB.

Santa Catarina

Ângela Amin - PDS; César Souza - Bloco; Dejandir Dalpasquale - PMDB; Eduardo Moreira - PMDB; Hugo Biehl - PDS; Jarvis Gaidzinski - PL; Luci Choinacki - PT; Luiz Henrique - PMDB; Nelson Morro - Bloco; Neuto de Conto - PMDB; Orlando Pacheco - Bloco; Paulo Duarte - Bloco; Renato Vianna - PMDB; Ruberval Pilotto - PDS; Vasco Furlan - PDS.

Rio Grande do Sul

Adão Pretto – PT; Adroaldo Streck – PSDB; Amaury Müller – PDT; Antônio Britto – PMDB; Arno Magarinos – Bloco; Carlos Azambuja – PDS; Carrion Júnior – PDT; Celso Bernardi – PDS; Eden Pedroso – PDT; Fetter Júnior – PDS; Germano Rigotto – PMDB; Ibsen Pinheiro – PMDB; Ivo Mainardi – PMDB; João de Deus Antunes – PDS; José Fortunati – PT; Luís Roberto Ponte – PMDB; Mendes Ribeiro – PMDB; Nelson Proença – PMDB; Odair Klein – PMDB; Raul Pont – PT; Telmo Kirst – PDS; Valdomiro Lima – PDT; Victor Faccioni – PDS; Wilson Müller – PDT.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Declaro aberta a sessão destinada a recepcionar Sua Excelência o Senhor Carlos Andrés Pérez, Presidente da República da Venezuela.

Encontra-se no edifício do Congresso Nacional Sua Excelência o Senhor Presidente da República da Venezuela.

Para introduzi-lo neste plenário, designo comissão constituída pelos líderes dos partidos políticos, representados na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, e pelos Presidentes das Comissões de Relações Exteriores das duas Casas do Congresso Nacional. (Pausa.)

(Acompanhado da comissão designada, dá entrada no plenário o Senhor Presidente Carlos Andrés Pérez, ocupando, na mesa, o lugar que lhe está reservado à direita do Presidente Mauro Benevides.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Com todos de pé, a Banda Musical vai entoar o Hino Nacional da Venezuela e o Hino Nacional do Brasil.

(Execução dos hinos nacionais.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Exm^o Sr. Carlos Andrés Pérez, Presidente da República da Venezuela, Exm^o Sr. Deputado Ibsen Pinheiro, Presidente da Câmara dos Deputados, Exm^o Sr. D. Carlos Furno, Núncio Apostólico e Decano do Corpo Diplomático, Exm^{os} Srs. Embaixadores, que saúdo na pessoa do Embaixador da Venezuela, Exm^{os} Srs. membros da Mesa do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, Exm^{os} Srs. membros da comitiva venezuelana, Exm^{os} Srs. Ministros dos Tribunais Superiores, Exm^o Sr. Deputado Salviano Guimarães, Presidente da Câmara Distrital de Brasília, Exm^{os} Srs. Senadores e Deputados, recebemos nesta sessão solene o Dr. Carlos Andrés Pérez, Presidente da República da Venezuela, e o saudamos como um dos mais tenazes e destinados líderes da democracia mundial. Ainda muito jovem, promoveu a criação da Ação Democrática, Partido que lhe vai servir de legenda à defesa indormida de princípios ardorosamente abraçados. Deputado Federal em várias legislaturas. Senador e Presidente da República em exercício, agora, do segundo mandato, Carlos Andrés Pérez possui uma trajetória política pontilhada de lutas e vitórias, que o distingue como homem público e estadista consagrado.

Consciente de que não se transige em idéias, a sua ação obstinada contra o regime ditatorial, implantado em momentos sombrios da vida institucional do seu País, o levou à prisão, ao confinamento e ao exílio. Nada, entretanto, desestimulou o seu firme propósito de edificar uma Venezuela moderna, livre e solidária.

Assumindo a mais alta magistratura da Nação, pela primeira vez, em 1974, caminhou, com a mesma coerência e

fé, que caracterizam a sua personalidade invulgar, para a consecução de nobres objetivos, executando um plano de desenvolvimento que tornou o País forte e seletivamente industrializado. Nacionalizou o ferro e o petróleo e, no âmbito externo, pôs em prática medidas da maior relevância com vistas à integração latino-americana, considerando-a como um “imperativo histórico” e a melhor maneira de oferecer base econômica estável aos sistemas políticos, cuja meta principal deve ser a democracia, “valor permanente de todos os nossos povos”.

Retorna à tese, no discurso de posse proferido em 2 de fevereiro de 1989, com a autoridade de Presidente ungido, mais uma vez, pela vontade popular, ao exortar os governos da Região a levarem a termo a sempre atual aspiração de Simon Bolívar: “la gran Patria latino-americana”.

Novos desafios, entretanto, são postos diante do Presidente recém-eleito, tendo em vista a grave situação econômico-financeira da Venezuela, no momento em que assumiu a Chefia do Governo. Para enfrentar as profundas distorções registradas, Carlos Andrés Pérez não hesitou em executar um ousado programa econômico, destinado a reduzir a dependência do petróleo e preparar o caminho para um próspero crescimento. Com as medidas implantadas, eliminam-se os desequilíbrios da economia, abrindo-a aos investimentos e ao comércio exterior. O êxito obtido revela o acerto dos ajustes feitos, os quais, no início, causaram uma “explosão social”, resultado, como afirma Sua Excelência, “de uma situação contida por muito tempo”, em função, sobretudo, do problema da dívida externa e da não-abertura dos mercados para as exportações dos produtos da Região.

Mais do que nunca, portanto, Exm^o Sr. Presidente, impõe-se a integração da América Latina, forjada a partir de uma ação conjunta, inspirada no bom senso e no diálogo entre os respectivos Governos.

Expressando, no meu nome, como Presidente do Congresso Nacional, e no do Presidente da Câmara dos Deputados os votos no sentido de que a Venezuela prossiga na busca de seu grande destino, homenageamos o Primeiro Mandatário da Nação amiga, esperando que a sua visita ao Brasil contribua para a concretização do ideal de Simon Bolívar que outro não foi senão o da fraterna união dos povos latino-americanos. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Senador Marco Maciel, que, em nome do Senado Federal, saudará o Exm^o Sr. Presidente da República da Venezuela.

O SR. MARCO MACIEL (PFL — PE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Exm^o Sr. Senador Mauro Benevides, Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, Exm^o Sr. Deputado Ibsen Pinheiro, Presidente da Câmara dos Deputados, Exm^{os} Srs. Senadores Dirceu Carneiro e Rachid Saldanha Derzi, Exm^{os} Srs. Deputados Ney Lopes e Irma Passoni, Exm^o Sr. Presidente da República da Venezuela, Dr. Carlos Andrés Pérez; Exm^{os} Srs. Deputados, Exm^{os} Srs. Senadores, Exm^o Sr. Dom Carlo Furno, Núncio Apostólico e Decano do Corpo Diplomático, Exm^{os} Srs. Embaixadores, Exm^o Sr. Deputado Salviano Guimarães, Presidente da Câmara Distrital de Brasília, Exm^{os} Srs. Ministros dos Tribunais Superiores, Exm^{os} Srs. membros da delegação venezuelana, autoridades civis e militares, meus senhores, minhas senhoras, o processo de transformações que vive a Venezuela não tem sido apenas destacado como um exemplo de ajustamento econômico, com sensíveis repercussões de cunho político e de

natureza social. Sabemos o quanto de determinação e de espírito público exigiu do Governo a adoção das amargas, mas inadiáveis, medidas de "aggionamento" econômico praticadas desde o início do segundo mandato do Presidente Carlos Andrés Pérez. A Venezuela é hoje um dos dois países da América Latina que mais rápido e eficazmente superaram a crise da dívida externa que parecia, a muitos de nós, insuperável para os nossos povos.

Aquele a quem saudamos hoje, portanto, não é só um estadista vitorioso na consecução de um projeto político que se revelou, ao mesmo tempo, viável e democrático. Muito mais do que isso, é o exemplo do que pode a visão histórica de um político, provado indistintamente tanto no governo quanto na oposição. Como políticos e mandatários do povo, rendemos homenagem à memória de quantos, neste sofrido Continente, foram capazes de acreditar na força inovadora da democracia e na vitalidade de suas instituições sonhadas por Bolívar e por todos aqueles que, como Vossa Excelência, estão materializando o sonho da estabilidade com liberdade e de progresso com prosperidade.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, é um dos raros Chefes de Estado que, neste Continente, governou por duas vezes o seu povo, escolhido sempre pela via democrática do voto popular. Por isso é, seguramente, entre eles, aquele que com mais intensidade viveu dois momentos históricos tão distintos quanto adversos: o da prosperidade universal da década de 70 e o da convulsão econômica da década seguinte, que, na América Latina, há de ser lembrada como a era da incerteza e dos sacrifícios generalizados.

O século que dentro de mais alguns anos se encerra é, para todas as gerações contemporâneas, um período extraordinariamente denso de mudanças e de transformações; de reformas e de promessas; de utopias e de sonhos; de aspirações e de desilusões. É um século armado, de guerras contínuas com poucos intervalos de paz, de ideologias e de radicalismos, de confrontos, conflitos e controvérsias, dos quais resultaram milhões de vítimas e populações dizimadas por crenças que, no alvorecer do século XXI, revelam-se aos nossos olhos inócuas para o bem-estar coletivo e para a felicidade humana. O mais dramático e desalentador é a constatação de que as conquistas da ciência, os avanços tecnológicos, o desenvolvimento das comunicações e as vitórias da humanidade sobre as doenças e a fome poderiam evitar esse quadro, sobretudo, pela ação da política, definida por Tristão de Ataíde "como ciência, virtude e arte do bem comum".

Sabe Vossa Excelência que a política — instrumento humano do poder para a superação das necessidades coletivas e para a evolução transformadora da felicidade do homem vivendo em sociedade — tornou-se, pelas nossas próprias fraquezas, instrumento de opressão e, em muitos casos, ferramenta da destruição das mais legítimas aspirações humanas.

A Venezuela, como o Brasil, não esteve livre, neste século, dos efeitos inevitáveis do mau e do bom uso desse instrumento. V. Ex^a, felizmente, poderá orgulhar-se de ter feito benéfico uso do poder que seus concidadãos colocaram em suas mãos.

Este final de século, ao contrário do que faz crer a suposição utópica do denominado "fim da História", é uma fase ao mesmo tempo densa e desafiadora para a humanidade. A velocidade das transformações políticas, representadas pelo movimento que o sociólogo Ralf Dahrendorf chamou de "Revolução Européia", com a superação rápida e surpreendente do denominado "socialismo real" na União Soviética e na

Europa do Leste, coloca, nos foros mundiais da discussão política, questões vitais para a nossa sobrevivência e para o ajustamento das sociedades de massa em que nos transformamos.

A primeira e a mais urgente delas, com o fim dos conflitos ideológicos, da superação do embate Leste x Oeste, é a incógnita que representa um novo confronto Norte x Sul, muito mais intenso e muito mais cruel, porém muito menos visível aos olhos dos países que superaram os limites do conforto, do bem-estar e dos níveis razoáveis de renda para a maioria de suas populações.

Os três grandes blocos econômicos que se delineiam no horizonte da década que estamos vivendo encontram-se todos no Hemisfério Norte, e, juntos, representam atualmente mais de 85% do comércio mundial. As restrições que necessariamente recaem em termos de barreiras econômicas e políticas podem significar, a curto prazo, uma divisão do poder mundial mais dramática do que permitem aferir as estatísticas. Essas nações, apenas para dar um exemplo, congregam 1/5 da população mundial, mas dispõem de 3/5 dos recursos econômicos.

O papel que está reservado para a América Latina nesse novo contexto depende da resposta que só os líderes deste Continente podem dar a seus povos. As tentativas de integração latino-americana — preceito, aliás, da atual Constituição brasileira — constituem uma longa, frustrada e perversa história de dificuldades que impedem, em termos materiais, sua consecução.

Todos nós compreendemos o que representa, para um continente assimétrico como a América, integrar-se economicamente quando não há uma realidade política comum calcada na legitimidade democrática, na prevalência do Estado de Direito e em níveis mínimos de participação social.

O requisito essencial que fundamenta o desejo, o esforço de união econômica e de ajustamento político em matéria de segurança coletiva e de política externa é, sem dúvida, aquele que, na década de 60, ficou conhecido como o marco da política externa venezuelana: a chamada "Doutrina Betten-court". Hoje, à exceção dos dois únicos exemplos conhecidos, a realidade de governos legítimos é a que prevalece em toda a América. Resta aos estadistas americanos como V. Ex^a, Sr. Presidente, aproveitando o momento histórico que vive o continente, dar o alento essencial ao que há de constituir uma contingência histórica calcada em uma herança comum.

Vossa Excelência, ao lado dos Presidentes César Gaviria, da Colômbia, e Salinas Gortari, do México, se empenha na busca de uma solução solidária e compartilhada para o isolamento de Cuba e sua inevitável integração no contexto. (Muito bem. Palmas.) Tem também Vossa Excelência não só a experiência, mas, sobretudo, a visão do que pode significar, para a América Latina, a ampliação progressiva dos esforços de integração regional representados pelo Pacto Andino, pelo Caricom, pelo Tratado de Cooperação Amazônica e pelo Mercosul, assinado em Assunção pelo Presidente Fernando Collor, cuja total implantação se dará até 1994. Trata-se, sem dúvida, de passos avançados e de demonstrações inequívocas de que também entre nós, é possível superar as eventuais dificuldades e divergências antigas em benefícios de um futuro melhor. Enfim, como certamente definiria o Presidente De Gaulle, integração "em todos os azimutes".

Se a assimetria dos países latino-americanos vinha sendo até agora fator impeditivo de progresso nos esforços de integração política e econômica em nosso continente, não nos

podemos esquecer de que, mais assimétricos do que os nossos, são, efetivamente, tanto os países europeus que constituem, hoje, a Comunidade Económica Européia, especialmente depois da unificação alemã, quanto os chamados “Tigres Asiáticos” que integram o projetado mercado liderado pelo Japão.

“A Iniciativa para as Américas”, lançada pelo Presidente Bush, e vista por muitos de nós como uma resposta do continente a essa tendência universal de partilha dos recursos económicos e financeiros, padece não só do protagonismo dos Estados Unidos, na nova ordem mundial estabelecida depois de 89, a partir da revolução ideológica liderada pelo Presidente Mikahil Gorbachev, mas igualmente de contradições lamentavelmente ainda não superadas na própria política externa norte-americana. Não haverá liberdade de comércio, livre circulação de bens, serviços e pessoas, nem economia de mercado entre nós enquanto persistirem à margem do sistema de acordo Geral de Tarifas e Comércio — o GATT — as “medidas de zona cinzenta” e restrições como as que hoje vigoram para muitos de nossos produtos.

Paradoxalmente, como já se observou, “a recuperação do ritmo de crescimento do comércio internacional tem sido acompanhada de um forte aumento do que se denominou de “novo protecionismo”, no dizer de Manuel Agosin.

Os organismos internacionais de fomento económico e de ajuda financeira ao desenvolvimento, que sabemos refletirem as posições dominantes do chamado “Grupo dos Sete”, reclamam constantemente programas de ajustes e de reformas institucionais, direcionadas todas, diretamente, para os postulados de uma economia de mercado e com um mínimo de interferência do Estado nas atividades económicas, tendentes a garantir a liberdade de comércio e de livre circulação de capitais, serviços e pessoas. Os sacrifícios que em nome dessa doutrina — impropriamente chamada de liberal ou de neoliberal — têm sido impostos aos nossos países não encontraram, até hoje, contrapartida equivalente nas atitudes das nações do chamado “Primeiro Mundo”, pois os países que mais têm recorrido a este tipo de barreira são, exatamente, os Estados Unidos e os que compõem a Comunidade Européia.

Tão importante quanto isto é o que aduz Agosin em seguida: “Como já se observou, embora tenha havido importantes confrontos entre os países industrializados, em geral as medidas de contenção das importações recaem mais sobre os países em desenvolvimento do que sobre os desenvolvidos, porque se concentram em produtos que são de importância para os primeiros. Estes são setores em que ainda pesa fortemente a mão-de-obra e que estão em declínio nos países industrializados. Portanto, é duvidoso que tais países venham a eliminar a proteção que as medidas não tarifárias oferecem a seus produtos nacionais”.

Tudo isso nos faz pensar cada vez mais na necessidade de um incremento da cooperação e da integração Sul-Sul como instrumento para a superação do conflito Norte/Sul, que não queremos, não alimentamos, mas do qual seremos, inevitavelmente, as principais vítimas, juntamente com as nações africanas.

Procede, assim, o alerta que Vossa Excelência fez na 46ª Assembléia Geral das Nações Unidas: “Não basta proclamar que está nascendo uma nova ordem para contentar o nosso otimismo”, pois... “A interdependência é um fenómeno que tem que deixar de ser uma nova forma de dependência que entrava e mediatiza os esforços empreendidos para lograr a incorporação dos países do Sul à Economia Internacional”.

Senhor Presidente Carlos Andrés Pérez, ninguém mais do que Vossa Excelência, como Líder de um país de inegável importância em nosso continente, conhece as particularidades de toda essa conjuntura e de todo esse doloroso processo de ajuste a que, acima de nossos desejos, temos tido que submeter os nossos povos. As reações que Vossa Excelência teve que enfrentar, ao início de seu atual mandato, são uma demonstração indesmentível de que esse é um processo necessariamente conflituoso que só a polícia pode superar. O papel que Vossa Excelência desempenhou naquele momento difícil e dramático da vida venezuelana é um exemplo de serenidade, de descortino e de visão histórica. Essas mesmas qualidades podem e devem ser postas a serviço de nossa causa comum.

Vossa Excelência, pelo sucesso obtido na recuperação do prestígio internacional do País que lidera, é, hoje, um interlocutor privilegiado, não só na Comunidade Americana de Nações, mas, até por motivos históricos, no contexto europeu. Graças às experiências do passado, que vivemos todos, neste continente, sabemos que as reformas modernizadoras, que exigem as instituições do Estado, da sociedade e da economia entre nós, só terão eficácia se forem o resultado de maduras convicções de nossos povos. O que todos queremos é exatamente o resultado do êxito já obtido por Vossa Excelência, decorrente da constatação de que, fora dos limites da política e da democracia, não haverá mudanças duradouras nem instituições estáveis e eficientes.

Temos as referências históricas que nos livram da nova ameaça que marca os horizontes dos povos desenvolvidos do Hemisfério Norte, acudados pela invasão pacífica e incontrolável dos pobres e dos desesperançados. Recorde-se, a propósito, o famoso *cordón sanitaire* que se pretendeu estender em torno da União Soviética, depois da revolução de 17, tão inócuo como prevenção ideológica como o foram, no sentido inverso, a “Cortina de Ferro”, o “Muro de Berlim” e a política de blocos e alianças militares depois da Segunda Grande Guerra Mundial.

De nada adiantarão medidas de contenção contra a entrada de imigrantes ilegais se os benefícios de uma nova ordem económica mundial continuarem sendo postergados nas próximas décadas.

As construções da política internacional, por mais poderosos que sejam os interesses, serão destituídas de conteúdo enquanto não levarem em consideração as realidades éticas, culturais, linguísticas, económicas e sociais dos povos. Os exemplos que, na esteira da “Revolução Européia de 1989”, se multiplicam, são demasiadamente evidentes para serem ignorados. Aí estão o Oriente Médio, com a questão Palestina, o problema dilacerante da Federação Iugoslava, que preocupa toda a Europa Ocidental; o êxodo albandês, marcado pelo drama da fuga em massa; e o genocídio tailandês.

Todos esses movimentos e ameaças, como o renascimento das ideologias de motivação totalitária e nacionalista que se observa no âmbito dos grandes centros urbanos europeus, são demonstrações de que a crise política dos regimes é latente e transcende, em última análise, às próprias instituições, para se situar no seio de sociedades descontentes com o seu presente e permanentemente preocupadas com o seu próprio futuro.

Ao ter a honra de saudar Vossa Excelência, meu desejo é menos o de ressaltar o papel político vitorioso que Vossa Excelência desempenha e protagoniza na história venezuelana do que o de render homenagem ao estadista que, todos sabemos, mostra-se profundamente preocupado com as inquietudes

tações humanas das gerações que representamos e por cujo destino, em diferentes escalas, somos todos responsáveis e solidários, num mundo com fronteiras cada vez mais tênues, menos nítidas, e, por conseqüências, menos seguras.

Por isso podemos dizer, que tem razão Vossa Excelência quando proclamou, em seu discurso de posse na Presidência da República que “a capacidade de entender a diversidade, de assimilar as diferenças e de assinalar os pontos de encontro, é o que pode fazer-nos aptos a tornar realidade o velho sonho da América Latina, a sempre vigente aspiração de Simon Bolívar: A grande nação latino-americana.”

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Para saudar, em nome da Câmara dos Deputados, o Presidente Carlos Andrés Pérez, concedo a palavra ao nobre Deputado Ulysses Guimarães.

O SR. ULYSSES GUIMARÃES (PMDB — SP. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Mauro Benevides, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Ibsen Pinheiro, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, venerável Núncio Apostólico, Carlo Furno, Srs. Ministro de Estado, Srs. Embaixadores, que saúdo na pessoa do operoso Embaixador da Venezuela no Brasil, eminente Sr. Octávio Letage, Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado da Venezuela, eminente Deputado Rodrigues Iturbe, Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados da Venezuela, dignos integrantes da Comitativa do Presidente Carlos Andrés Pérez, Srs. Líderes, a quem saúdo nas pessoas do eminente e competente Líder Genebaldo Correia, na Câmara dos Deputados, e Humberto Lucena, no Senado da República, queridas amigas parlamentares, a quem cumprimento na pessoa de Irma Passoni, presente à Mesa, companheiros parlamentares, meus senhores e minhas senhoras.

Quando o Presidente desta Casa, o talentoso Deputado Ibsen Pinheiro, comunicou minha designação para saudar o Presidente Carlos Andrés Pérez, poderei-lhe que outros, com mais apropriados créditos, se desincubiriam da honrosa missão.

Rendeu-me com este argumento: será você, pois são amigos.

Os títulos que celebram a vida pública de Carlos Andrés Pérez, inclusive o único na história gloriosa da Venezuela que, por duas vezes, urnas livres e limpas consagraram como Presidente da República, podem ser sintetizados como o democrata, o amigo da Democracia.

Dou testemunho, modesto, mas sincero.

Na dura e perigosa luta no Brasil pelo regime de liberdade e de dignidade do homem, somente três Estadistas, entre Chefes de Governo e de Estado que visitaram o Brasil, ousaram dialogar com o ideal e a esperança dos inconfindentes da resistência: Mário Soares, Presidente de Portugal, Raul Alfonsim, Presidente da Argentina, Carlos Andrés Pérez, Presidente da Venezuela.

Como brasileiros tivemos o privilégio de conhecer o amigo certo na hora incerta.

O Presidente Carlos Andrés Pérez é um homem diáfano, pois se ajusta à excepcional definição de seu imortal compatriota Simon Bolívar, patrono e precursor da grande Pátria latino-americana.

O que espanta em Carlos Andrés Pérez é que promete como candidato e cumpre como eleito.

Sumariamos alguns de seus feitos de coerência.

Comprometeu-se em descentralizar a estrutura unitária e petrificada da Venezuela. Plantou, assim, o marco histórico da desconcentração da geografia política e social de seu país, pondo o Governo onde está o homem, para o serviço do homem, sob a fiscalização do homem.

Eleições competitivas e puras acabam de ser realizadas, operalizando a mensagem federalista do postulante, assim anunciada: “Elegemos os prefeitos, elegemos os governadores pela via do voto direto, alentando a participação comunal. Vamos à eleição nominal das próximas Câmaras Municipais e vamos, também, à eleição nominal de Deputados, Senadores e membros das Assembléias Legislativas. Vamos abrir para sempre as barreiras entre a sociedade civil e o Governo; vamos abater as barreiras entre os partidos e as comunidades”.

A divisão com parceiros para o complexo e multifacetado exercício do poder no presidencialismo exige a concertação, cuja substância é a renúncia unilateral de privilégios e hegemônias, principalmente pelos mais onerados de responsabilidades democráticas.

Concertação. Eis sua convocação de união com participação e não adesão, obsessiva e coerentemente reeditada desde sua postulação como candidato do Partido Ação Democrática perante o Conselho Supremo Eleitoral, bem como no fragor tantas vezes divisionista da campanha, na proclamação como Presidente eleito e na posse na suprema magistratura cívica.

Tendo por divisa “inovar ou perecer”, pela convocatória do otimismo, coordena audaciosa e profunda Revisão Constitucional dos poderes Executivos, Legislativo, Judiciário e de costumes obsoletos, velhistas e corruptos.

Convidado pelo Congresso e pelo Presidente Carlos Andrés Pérez para refletir na Venezuela sobre a experiência constitucional brasileira, pude dimensionar a extensão e o conteúdo revolucionário desse extraordinário esforço de modernização pela privatização, sem dicotomia entre o setor público e o empresarial, sem enfrentamentos e maniqueísmo, a abertura controlada da economia, a estigmatização da iniquidade da dívida externa como flagelo genocida e canceroso das exauridas economias subdesenvolvidas, a hierarquização privilegiada da ciência e da tecnologia como assunto do Estado, em sua soberana conceituação.

Pela modernização, quer transformar o Estado e o povo em habitantes do futuro e da esperança, faz da presidência um ofício e uma instituição moderna, “com abertura mental, flexibilidade entre todos setores da coletividade nacional” e realismo na consulta e transplante das mudanças e fenômenos que estão ocorrendo no mundo.

Sua sinceridade em não ser a prepotância de César crioulo e caudilho se comprova na projetada co-participação administrativa com instituição de um Primeiro Minsitro, embora sem a ortodoxia parlamentarista, proclama: Desregulamentar, sim mas sua longa vivência como Deputado e Senador também adverte contra os danos da superlegislação.

Fez sua a sábia e prudente voz de Sêneca: Infeliz da República com superabundância de leis.

Vossa Excelência garantiu a têmpera do tempo para tranquilizar seus concidadãos, uma vez que o tempo não perdoa o que se faz sem ele, ao confessar: “Tenho experiência e tenho conhecimentos. Eu o digo sem vaidade. Eu o digo na verdade como ratificação de um compromisso. A quem tem experiência e a quem tem conhecimento se pode exigir mais”.

Bela, mas terrível invocação, Senhor Presidente. A experiência é não cometer o erro uma segunda vez.

É fundamental à biografia moral do Estadista que o Brasil homenageia registrar a honra de seu Governo em sua repulsa à pior de todas as desordens: a desordem da fome, do analfabetismo, da doença, da desabilitação e da desesperança.

Tem força de juramento sua profissão de fé em sua enunciação textual: "A política econômica não está divorciada da justiça social".

Benditas palavras do Líder amaldiçoado por longos exílios aos amaldiçoados vitalícios do massacre social.

Os caídos não se levantam com palavras. Os caídos se levantam com a vontade política de estadistas.

Termino com as palavras finais de todos os pronunciamentos operativos do Presidente Carlos Andrés Pérez: "Mãos à obra". É seu grito de guerra, para marchar e avançar rumo aos fatos.

Como a integração é outra mania cívica de Vossa Excelência, mãos à obra para a integração latino-americana e dos povos como o novo nome da paz, para exorcizar as aviltantes desigualdades externas e internas.

É a cidadania que funde, custeia e justifica o Estado.

Mãos à obra, Presidente Carlos Andrés Pérez, fiéis ao oráculo de Simon Bolívar, seu mestre e seu profeta: "Prefiro o título de Cidadão ao de Libertador, porque este emenda da guerra, aquele emana das leis". (Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Cabe-me a honra de conceder a palavra, neste instante, a S. Ex^a o

Sr. Carlos Andrés Pérez, Presidente da República da Venezuela.

*O SR. CARLOS ANDRÉS PÉREZ PRONUN-
CIA DISCURSO QUE, ENTREGUE À REVISÃO
DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIOR-
MENTE.*

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Antes de encerrar esta sessão desejo agradecer às autoridades, pela presença, a começar pelo homenageado de hoje, Presidente Carlos Andrés Pérez, bem como ao Presidente da Câmara dos Deputados, aos Srs. Embaixadores, aos Ministros dos Tribunais Superiores e demais autoridades já reverenciadas.

A Mesa informa aos presentes que o Presidente venezuelano deverá receber os cumprimentos do corpo diplomático e dos convidados em local próprio, no prédio do Congresso Nacional.

Comunico aos Srs. Senadores que o Senado Federal estará reunido às 18 horas de hoje, e o Congresso Nacional, amanhã, às 10 horas, para apreciação dos vetos presidenciais.

Designo comissão de Líderes para acompanhar o Presidente Carlos Andrés Pérez até o local onde S. Ex^a receberá os cumprimentos do corpo diplomático e das demais autoridades.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16 horas e 42 minutos.)